

ROBERTO DAS NEVES

(Estudante de Letras)

O espectro de Buiça

(Tragédia das deportações)



Edição
do
Comité Pró-Presos
por
Questões Sociais

PREÇO: 1 ESCUDO

.....
: LISBOA :

: 1926 :
.....

HS
97

000597

ROBERTO DAS NEVES
(ESTUDANTE DE LETRAS)



O ESPECTRO DE BUIÇA

(Poema inspirado nas deportações de presos sociais, sem julgamento, decretadas pelo governo democrático da presidência de Vitorino Guimarães, de que foi ministro do Interior Vitorino Godinho).



1926
TIP. DA ASSOC. DOS COMP. TIPOGRAFICOS
TRAVESSA DA AGUA DE FLOR, 35
LISBOA

As vítimas da Tirania de todos os Estados: desde os de Espanha, onde dita as leis o espectro sinistro de Torquemada, da Bulgária, da Itália do fâscio... — os mais reaccionários, — até ao da Rússia bolxevista, que espaventa os rótulos mais rubros...

O AUTOR.

Longe daqui, nas africanas plagas,
onde, incisivo, o Sol abre na terra chagas,
e provêm dos paúis letais emanações...

Lá longe, para além do vasto oceano Atlântico,
compõe-se e ascende ao ar um tenebroso cântico,
feito de humano chôro e maldições.

Longe, longe de nós, noutra hemisfério,
na Guiné, onde o Sol é um termo-cautério
que abrasa, e a Natureza é bárbara, maldita...

— ladaínhas de dor, de pragas, de protestos,
choros, imprecações, saem de peitos mestos,
cortando o espaço em funerária grita.

II

Nas plagas insalubres da Guiné.
Sob os raios do Sol, num rubro auto-de-fé,
em plena combustão, a Natureza arde.

Mosquitos às legiões fogem dos tremedais
e vêm cravar na gente os seus ferrões brutais
— no ocaso rubro e cálido da tarde.

Finam-se os raios últimos no Poente.
A Noite — o escuro véu, lenta, serenamente,
sobre a face da Terra em brasa, faz baixar.

Um vulto humano, então, surgiu, rôto e esquelético.
E assim vociferou, em tom de voz profético,
as magras mãos erguendo para o ar:

UM DEPORTADO:

«¿ Amar a Liberdade é crime horrendo?
¿ Prêgar o Amor, o Bem, acaso, é crime?
Se é criminosa a Causa que eu defendo,
¿ matai-me! ¿ Eu não transijo, eu não me vendo!
Ah! ¿ Morrer pelo Ideal, como é sublime!

¿ Porque estou eu, aqui, sofrendo, ó gentes?
¿ Que crime cometi, ¿ mastins da Lei!
— para arrastar o pêso das correntes,
padecer fome e as febres inclementes?
¿ Que crime cometi? ¿ Perros: dizei!

Ah! Sim!... Um *crime horrível e nefando*,
um *crime horrendo* pesa sobre mim:
¿ contra as putrefacções dum mundo infando,
soou, rebelde, a minha voz, vibrando
como o som estridente dum clarim!

Busquei, febril, o polo da Verdade
— heresia que o Estado não perdoa.
¿ Com louca e indizível ansiedade,
fantasiei uma nova Humanidade,
liberta, solidária, ativa e boa!

Prêguei ao Povo: — «Ó Povo, ó meu irmão,
«criador das maravilhas que há no globo!
«¿ Tu, que a vida de todos tens na mão,
«és tratado como um leproso cão,
«és corrido atrozmente como um lobo!

«As veredas da História são coalhadas
«do teu sangue plebeu, vermelho, puro
«— ¿ sangue das tuas carnes retalhadas,
«vertido em tuas épicas jornadas,
«na marcha triunfal para o Futuro!

«; Empunha o *knut* das cóleras supremas,
 «e expulsa os vendilhões do teu labor!
 «Ó Povo, ó meu irmão! ; A pé, não tremas!
 «Eia! ; Estilhaça as pristinas algemas,
 «e surge, enfim, liberto e vencedor!

«; Salva o Viver do *enlissement* do Vício,
 «ó sempre ensangüentado e nunca exangue!
 «; Seja a Vida prazer e não suplício!
 «; Do ideal Porvir o rútilo edificio
 «constrói-o, argamassado com teu sangue!

«; Que o homem, do homem seja companheiro
 «— e não lóbo esfaimado, como agora!
 «; Do áureo plinto destrona o deus Dinheiro
 «— deus tigre, deus chacal, deus carniceiro,
 «criador de todo o Mal que nos devora!

«O Deus tirano e velho do Infinito,
 «o imundo *Autor* da ignóbil *Criação*,
 «; deporta-o, Povo, do Orbe! O velho mito,
 «Deus, ; sofrerá, caquético e proscrito.
 «a vingança dos pósteros de Adão!

«Sôbre os escombros dêste mundo imundo,
 «nova Sodoma, ignóbil e sêdica,
 «que um dilúvio de fogo, alto, profundo,
 «subverterá — ; levanta o Novo Mundo,
 «a Cidade Encantada da Justiça!

«; Único Deus, ó Povo que amo tanto,
 «ó relicário fiel da pura Idea!
 «; Este mundo infernal, de luto e pranto,
 «transmuda em Céu! ; Compõe o último canto
 «da tua formidável epopeia!»

...; E foi por tal prègar, e por haver
 tais sonhos a ebulir em minha mente,
 que o negregado olhar dum Xavier
 — imundo e boçalíssimo Javert —
 se pôs em mim, inexoravelmente!

Eu flagelei a pífia bacanal,
 a torpe corrupção capitalista.
 ...; E um molosso de entranhas de chacal
 — que, na coleira, tem: «Ferreira do Amaral» —
 pôs-me na frente o distico: *bombista!*

Pus a nu as ascosas porcarias
 dum mundo podre, a sórdida imundícia...
 ...; Em prémio, tive o horror das enxôvias,
 onde ultrajes sofri de vis harpias
 — os sabujos raivosos da Polícia!

Depois, fui enviado, entre uma escolta,
 para as terras inóspitas, malditas,
 da Guiné — donde pouca gente volta.
 ; Não mais os meus rugidos de revolta
 turbarão o dormir des parasitas!...



¡ Carnífces da vã Constituição !
 ¡ Da própria Lei que exalçam — assassinos !
 ¡ Sem a legal, jurídica sanção,
 votaram-me ao deyrêdo, à proscricção,
 os punhos dos sinistros Vitorinos !

Quarenta homens, intrépidos pioneiros
 na luta contra o Roubo, e único amparo
 de velhos pais — ¡ às ordens dos rafeiros,
 guardadores do sono dos banqueiros,
 provámos do deyrêdo o pão amaro !

Ai! E dêstes rebéis, em cujas frentes,
 pôs a Polícia uma legenda vil
 — ¡ já cinco, olhando os amplos horizontes,
 nostálgicos, lembrando as mães insontes,
 tombaram sôbre a terra má, hostile!

Dos que o Estado mandou pra estas plagas
 — necrópole infernal das suas vítimas —
 ¡ já cinco, sucumbindo às negras chagas,
 tombaram para sempre, urrando pragas,
 rugindo, uivando cóleras legítimas !

Noite alta, quando os Cresos, sem cuidado,
 roncam nos leitos, cheia a ignóbil pança...
 — ¡ dos seus covais humildes, ignorados,
 mirrados, espectrais e ensangüentados,
 erguem-se os mortos a clamar vingança !

...¿ Porque estou eu aqui, sofrendo, ó gentes ?
 ¿ Que crimes cometi, ¡ mastins da Lei !
 — para arrastar o pêso das correntes,
 padecer fome e as febres inclementes ?
 ¿ Que crime cometi ? ¡ Perros: dizei !

¿ Amar a Liberdade é crime horrendo ?
 ¿ Prêgar o Amor, o Bem, acaso, é crime ?
 Se é criminosa a Causa que eu defendo,
 — ¡ matai-me ! ¡ Eu não transijo, eu não me vendo !
 Ah ! ¡ Morrer pelo Ideal, como é sublime !

Não disse mais o herói — Lusbel proscrito,
 contra o Todo-Poder do deus-Ouro maldito,
 insurgido, rebel, num prélio estrênuo e duro.

III

É noite alta. Um silêncio ingente e mudo impera.
 Corta-o, de quando em quando, o uivo duma fera,
 riscando com o olhar em fogo o escuro.

É a hora em que os trágicos Rotschilts
 roncam nos leitos. Dos seus túmulos humildes,
 levantam-se, fatais, os mortos deportados.

E êles bramam, assim, na muda escuridão
 — rugindo hinos de dor, de raiva e maldição,
 contra um mundo de fracos e malvados :

OS ESPECTROS DOS CINCO DEPORTADOS MORTOS :

«A nossa voz irada, truculenta,
escuta, ó Povo, ó Plebe dos cativos :
— ¡ Por tí, em luta homérica, violenta,
nós batemo-nos sempre, à luz sangrenta
das sedições — magnânimos e altivos !

A sêde ilimitada de Justiça,
— êste anseio imortal de Nova Luz —
¡ fez-nos tomar o gládio e vir à liça,
contra uma Sociedade vil, sèdica,
que o confôrto recusa a quem produz !

Na luta entre o Trabalho e o Capital,
caímos prisioneiros, certo dia.
Não nos deram, sequer, um tribunal...
¡ Votaram-nos à fúria canibal
da Polícia — o mastim da Tirania !

Ai ! ¡ Sem culpa formada, nas escuras,
nas subterrâneas, trágicas prisões,
longo tempo sofremos vis torturas !
¡ Nessas Bastilhas lôbregas, impuras,
a tísica roeu nossos pulmões !

Longo tempo gememos nas imundas,
nas lúgubres masmorras da República.
¡ E, nunca, as tuas cóleras profundas,
por nós, ó Povo, as raivas iracundas,
tu fizeste explodir na praça pública !

¡ Tantas vezes sentimos os chicotes
na nossa carne, em ósculos de dor !...
¡ E, nunca, da revolta à luz de archotes,
contra os fatais, leopárdicos despotes,
se ergueu, altivo, um braço vingador !

Ah ! No esplendor dum círculo sidério,
aureolados, — ¡ gigantes ! — vós surgis :
¡ Brutus, Corday, Buiça, Henri, Casério !...
¡ Do Despotismo entre o uivar funério,
o punho erguestes, vingador, ultriz !

Ó Povo ! ¡ É bom que a nossa voz escutes :
sofremos fome, sêde e vis insultos ;
escrita a sangue foi, nas nossas cútis,
da Tirania a rúbrica dos *knutes* !
... ¡ Quem vingará os teus irmãos inultos ? »

.....

E esqu'létricos, mirrados e espectrais,
regressaram à paz tranqüila dos covais
— dos finados rebéis os descarnados vultos.

O silêncio imperou, funérico, de novo.
Apenas ficou o eco a repetir : « — Ó Povo !
¡ Quem vingará os teus irmãos inultos ? »

IV

A noite é mais escura e misteriosa.
Na morna escuridão da noite tenebrosa,
erra um vento fatal, de drama e de ruína.

Na escuridão surgiu, então, um novo espectro :
Buiça, mártir, herói — fraccionador do Scetro,
numa explosão de cólera leonina.

BUIÇA :

«Foi num tempo, como êste, de desvário,
de insânia, de ruína e podridão...
Saqueavam os políticos o Erário
...; e o Povo continuava ao seu Calvário
levando a árdua cruz da Sujeição!

Soprava, como agora, um vendaval
de egoísmo, de loucura, de maldade...
Vergado ao jugo atroz do Scetro Rial,
do Povo era o viver triste, infernal
— ; sem luz, sem pão, sem ar, sem liberdade!

Quando a Ralé ousava vir à praça,
fazer soar os justiceiros *morras*
— ; a Fôrça acutilava a população
e efectuava, triunfal, prisões em massa,
com que saciava a goela das masmorras!

Uma legião estranha de rebéis,
que ousara erguer na sua voz, sem medo,
com heroicidade, anátemas cruéis
contra os Dogmas, o Sabre e as duras Leis
— ; pisava o chão doentio do degrêdo!

Sob a pata feroz do Despotismo
do Altar, do Scetro, do Ouro e mais da Espada,
torcia-se o País num paroxismo.
; Ébrio, o Rei tripudiava, com cinismo,
sôbre o esqu'leto da Plebe chicoteada!

Ascendia dos cárceres malditos,
um cortejo de pragas funerário...
; Do Povo exangue os estertóreos gritos
ecoavam com sons tristes e esquisitos,
na minha alma febril de visionário!

Um dia, não podendo mais calar
a onda de revolta, que agitava
meu peito — ; decidi-me a derramar
meu sangue, pra vingar e libertar
da canga da Rialeza a Plebe escrava!

...Soa o tiro que vinga e que redime.
— Queima-me o sangue o fogo da Revolta. —
Baqueia o Rei ao pêso do seu Crime
— ¡ qual roble estéril, cuja sombra oprime
a seara que viceja à sua volta !

O Trono ruíu, depois, numa explosão,
ao fragor dos alviões republicanos
e à purpurina luz da insurreição.
...Ah!... ¡ Mas ficou o germe da Opressão
— o Estado! ¡ E êle gerou : ovos tiranos !

E hoje, bastantes anos já volvidos,
após a morte trágica do Rei
— ¡ ouvem-se iguais, coléricos rugidos,
da bôca dos plebeus zurzidos, f'ridos,
pelo impiedoso látego da Lei!

.....

Ah! Sòmente no dia em que, proscrito
de sôbre a Terra, estuante de ansiedade,
fôr o Estado tirânico, maldito...
— ¡ então, sòmente, um sol novo e bendito
virá espargir a luz da Liberdade! »

Coimbra, 1926.





Este poema foi oferecido ao Comité pelo seu autor.

O produto líquido dêste folheto destina se a minorar um pouco as agruras dos presos sociais.

